

TRANSCENDÊNCIA, SANTIDADE E A INTERRUPÇÃO DO ESPÍRITO:
 UMA RESPOSTA A BHEBHE E FRINGER
 Jacob Lett, PhD, NTC Manchester

As teologias wesleyanas de santidade geralmente se concentram no que é imanente e em como o amor de Deus é cultivado no povo de Deus pelo Espírito aqui e agora. Esse foco específico é resultado da visão prática e pastoral de Wesley e da centralidade que o atributo divino do amor assume na doutrina wesleyana de santidade. Afinal, o amor é o atributo divino que destaca o envolvimento imanente de Deus e o cuidado com sua criação. Wynkoop iluminou tão apropriadamente como o amor é a característica definidora de uma visão Wesleyana e da prática de santidade. Apoio totalmente essa visão, fundamento e foco. No entanto, também quero acrescentar que o *amor santificador* nos leva um passo além do imanente. Dito isso, nesta resposta, eu desenvolvo e complemento os dois estudos fantásticos desta sessão, delineando os pressupostos teológicos da teologia da santificação e, no final, ligo esses pressupostos à obra de interrupção do Espírito.

A reivindicação da teologia wesleyana é que a obra santa, santificadora e aperfeiçoadora do Espírito é uma doutrina central da fé cristã.¹ Da mesma forma que a doutrina da homoousia dos Pais da igreja e a doutrina da justificação de Lutero se tornaram parte da tradição cristã viva a tal ponto que você não pode entender completamente a fé cristã sem elas, a doutrina da santificação nos diz algo definitivo sobre a natureza da Deus e a natureza da criação. Isto é, dizer que Deus é um Deus santificador, ou um Deus que é santificado e que santifica pessoas, lugares e coisas, é fazer uma afirmação sobre a diferença inerente entre um Deus santo e as pessoas que estão sendo santificadas. Essa diferença entre Deus e a criação está implícita em todos os artigos, mas é essa mesma distinção que pode ser minimizada ou desconstruídas nas teologias pastorais, práticas, relacionais e, atualmente, missionais sobre a santidade. Estou rotulando todos esses termos como formas de santidade focadas na imanência.

Uma teologia da santificação certamente aponta para uma compreensão relacional e participativa da relação Deus-mundo, mas também destaca uma distinção cada vez maior dentro da identidade e da relacionalidade. Uma teologia da santidade divina pressupõe uma distinção positiva e radical entre Deus e a humanidade. O santificador e o santificado são distintos. Fringer observa: “A santidade está intrinsecamente ligada a Deus e qualquer santidade potencial que possamos adquirir é sempre derivada”.² Deus é amor dinâmico em sua simplicidade e plenitude, e os seres humanos se tornam amor participando da vida dinâmica de Deus. Como o ser divino é a base da realidade finita e a única possibilidade de sua bondade através da participação da criatura, a santificação é primeiramente dada por um santo Deus de amor e recebida pela humanidade. Essa distinção dado-recebido envolvida na natureza do amor quebrad santificador permeia todos os aspectos das relações divino-humanas. Uma maneira diferente de dizer isso é que a doutrina da criação e a doutrina da santificação estão mutuamente envolvidas uma com a outra. A própria distinção entre Deus e a criação que caracteriza a doutrina cristã da criação permeia as visões do amor santificador.³

Por um lado, essa distinção entre santidade divina e criatural também é destacada por Fringer e Bhebhe quando eles falam da natureza imperfeita da perfeição criatural, que é uma

¹ Noble, *Holy Trinity: Holy People*, 1.

² Fringer, “Broken-Holy People,” 3.

³ Gregory of Nyssa, *The Great Catechism* 27 (NPNF 5); Hart, *You are Gods*, 20.

marca de como os relacionamentos são distorcidos pelo pecado e quebrantamento. Por outro lado, o foco aqui está na natureza incompleta que é inerente à santidade da criatura porque seu cumprimento, florescimento e conclusão não são infinitos e, portanto, dependem de uma relação receptiva a Deus. A perfeição criatural é complexa, incompleta e finita, enquanto a perfeição divina é simples e suficiente. Ao contrário da natureza caída da santidade criatural, sua natureza finita é um bem inerente porque está enraizada na natureza participativa do relacionamento divino-criatura. A santidade humana sempre será incompleta. Em termos mais positivos, é dramática e contínua porque sua santidade está enraizada não apenas na doutrina do pecado, mas na própria natureza de como a criação se relaciona com o ser divino. As criaturas tornam-se perfeitas através da participação contínua e dramática, onde Deus simplesmente é perfeito.

Isso não quer dizer que o tipo de drama, acontecimento e abertura que tornam os relacionamentos humanos, a vida e o amor significativos não se reflitam na vida divina. Na vida humana, essas características tornam a santificação uma obra inevitavelmente inacabada e progressiva de amor, mudança e crescimento. Alguns teólogos relacionais wesleyanos dizem que o mesmo pode ser dito de Deus, mas estamos sugerindo que há uma diferença positiva entre o drama do santo amor de Deus e o drama do amor humano. A santidade divina que é uma com o amor divino inclui eventos, liberdade e abertura dentro da plenitude divina, abundância e, nas palavras de Bhebhe, prazer.⁴ Na verdade, é essa mesma distinção entre Deus e o mundo que sustenta e apoia a natureza relacional do ser divino e da criatura e torna possíveis todas as diferenças, distinções e variações criativas. Visto que Deus não precisa da humanidade para completar a vida divina ou para se tornar amor santo, então a obra santificadora de Deus é pura dádiva.⁵ O ser criatural é, de fato, tão completamente sustentado pela santidade divina que expressões humanas imanes de amor, relacionamento, comunidade e abertura e as diferenças que as tornam significativas são todas frutos naturais da bondade divina.

A resposta que estou construindo até agora nos aponta para a natureza transcendente da santidade, uma transcendência que às vezes pode ser minimizada na forma como os teólogos wesleyanos se concentram no imanente. A santidade é certamente sobre como o Espírito cultiva e expressa o amor no povo de Deus e como esse amor confronta os poderes e princípios sociais e espirituais que oprimem a humanidade. No entanto, essa afirmação radical sobre a natureza presente e imanente da santificação também aponta para além de si mesma, pois afirma que esse amor santo só é possível porque o Espírito está nos atraindo para a vida infinita e pericorética de Deus. Um dos mistérios da santidade cristã é que o Espírito nos arrebatava de tal maneira que simultaneamente nos preenche e nos tira de nós mesmos. A santidade é tão imanente ao ser humano que o atrai para seu lugar de descanso adequado, seu lar metafísico, a glória de Deus.⁶

Ao extrair algumas das suposições teológicas implícitas de uma teologia da santificação, podemos ver que a teologia wesleyana é inerentemente doxológica, o que pode ser visto na maneira como os hinos de Charles Wesley atraem o foco de seu cantor para a transcendência divina. Nas linhas finais de “Wrestling Jacob”, vemos que Jacó, mesmo depois de encontrar o ser divino e descobrir que a “natureza e o nome de Deus é amor”, passará “toda a eternidade para provar” esse santo amor.⁷ Em “Love Divine, All Loves Excelling”, os seres humanos são

⁴ See the works of Hans Urs von Balthasar and Rowan Williams for a further development of this idea.

⁵ Williams, *On Christian Theology*, 63-78.

⁶ Fringer, “Broken-Holy People,” 8.

⁷ Hymn 136 in *A Collection of Hymns (BE)* 7:250-252.

“transformados de glória em glória” e estão “perdidos em admiração, amor e louvor”.⁸ Em “Let Earth and Heaven Agree,” Wesley canta:

Aperfeiçoados primeiro no amor,
 E santificados pela graça,
 Da terra removeremos,
 E contemplaremos Sua face gloriosa:
 Seu amor será então plenamente demonstrado,
 E todos os homens se perderão em Deus.⁹

Bhebhe encerra seu artigo com uma pergunta: “Como nós, nazarenos, vivemos e modelamos esta santa comunidade não em episódios sísmicos, mas em testemunho perpétuo a um Deus santo em desafio aos poderes e principados deste mundo e em obediência radical aos sussurros do Espírito Santo como previstos em 1 Pedro 2:9-10”?¹⁰ Estou sugerindo que teologias da santidade, em última análise, não têm seu fim em uma pessoa ou comunidade realizada-aperfeiçoada. Como Noble afirma: “A salvação do mundo por meio da missio Dei é, portanto, o penúltimo propósito da igreja, mas o propósito final da igreja é a glória de Deus”.¹¹ Quando o Espírito desce sobre os corpos humanos e as comunidades, os enche de amor a Deus e ao próximo. Mas, o Espírito também os interrompe, levando-os ao silêncio, à admiração, à perda de si mesmo, a uma busca adicional pelo divino. Tal interrupção não desvia a atenção da imanência, mas o foco e a forma da imanência são interrompidos e remodelados conforme a transcendência. Não podemos dizer com exatidão como será a santidade humana porque a santidade de Deus transforma nossa própria concepção de santidade. Em outras palavras, à medida que a santidade de Deus desce e se comunica com a humanidade, ela também atrai a humanidade de si mesma para Deus. A imanência finalmente encontra sua realização na transcendência de um Deus glorioso. Paradoxalmente, é nesse movimento para fora de nós que chegamos verdadeiramente a ser, a repousar, a estar presentes, a uma forma profunda de santidade imanente, a uma forma mais radical de amor santo ao próximo.

⁸ Hymn 374 in *A Collection of Hymns (BE)* 7:545-547.

⁹ Quoted by Noble, *Holy Trinity: Holy People*, 172.

¹⁰ Bhebhe, “God’s Eternal Project,” 8.

¹¹ Noble, “The Mission,” 83.